

**O DEBATE TEÓRICO DO CAMPO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO
CONTEXTO DA POLÍTICA EXTERNA DO EX-PRESIDENTE ESTADUNIDENSE
BARACK OBAMA (2009-2017)**

Gabriela Stefani^{a*}

a) FSG Centro Universitário

Informações de Submissão

*gabi.stefani4@hotmail.com Rua Os Dezoito do
Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS - CEP: 95020-
472

Palavras-chave:

Estados Unidos. Relações Internacionais.
Realismo-Liberalismo. Obama. Terrorismo.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar o debate entre as teorias realista e liberal no campo das Relações Internacionais contextualizando a política externa norte-americana no governo Barack Hussein Obama (2009-2017). No entanto, a pesquisa está focada nas manobras diplomáticas e militares executadas e justificadas pela Guerra Global contra o Terror. Analisar-se-á, brevemente, as atuações estadunidenses autorizadas pelo Presidente Barack Obama em países como o Iêmen, Paquistão e Afeganistão. Os discursos proferidos pelo presidente a respeito desse mesmo tópico, os ideais do partido Democrata e as intervenções militares permitidas pelo governo estadunidense serão minuciosamente utilizados para contrapor as duas teorias. A justificativa e relevância do presente estudo se dá por trazer à tona um dos principais debates teóricos da área de Relações Internacionais (realismo e liberalismo) para a prática, analisando a realidade da política externa norte-americana na Era Obama e seus efeitos para a política nacional e internacional.

1 INTRODUÇÃO

O ataque ao território estadunidense no dia 11 de setembro de 2001, colocou o país em uma guerra conhecida como a Guerra Global contra o Terror (Global War on Terrorism), iniciada pelo governo de George W. Bush (2000-2008) e mantida durante o governo Barack H. Obama (2009-2017). Embora o país seja caracterizado e conhecido mundialmente pelos seus valores liberais em defesa da autodeterminação dos povos e da expansão da democracia, há controvérsias e dados que mostram que a política adotada por ambos os presidentes tencionaram para um lado egoísta e realista, agindo em prol de sua segurança e do aumento de seu poder. Esta discussão será abordada nesta pesquisa.

Com base nisso, o presente artigo busca responder a seguinte pergunta: tendo em vista as teorias das Relações Internacionais, a política externa adotada por Barack Obama se caracteriza como realista ou liberal? Justifica-se a importância da pesquisa por trazer à prática um dos grandes debates teóricos do campo das Relações Internacionais. Para o seu desenvolvimento será analisado os discursos proferidos pelo presidente, além de trazer à tona os ideais do partido democrata, caracterizando-o como liberal ou realista, de forma a contrapor as justificativas e ações executadas pelo presidente. Além disso será usado como referência obras como *Guerras Sujas: o mundo é um campo de batalha* de Jeremy Scahill (2014), *A História Não Contada dos Estados Unidos* de Oliver Stone e Peter Kuznick (2015), *A Política Externa Norte-Americana e seus teóricos* de Perry Anderson (2015), *Teorias das Relações Internacionais* de Gilberto Safarti (2005) e *A Tragédia da Política das Grandes Potências* de John J. Mearsheimer (2007), entre outros.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O desejo pela compreensão das causas da guerra, anseio por alternativas para impedi-las e a busca pela paz fez com que as Relações Internacionais surgissem somente em 1919, como disciplina independente das ciências sociais (SAFARTI, 2005, p.13) e não mais ligada a apenas diplomatas, historiadores e juristas. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a preocupação para evitar que outra guerra em âmbito internacional ocorresse, David Davies, cidadão inglês, criou a primeira cátedra universitária para discutir e entender as relações internacionais (GONÇALVES, 2002, p.1).

Os próximos anos da disciplina foram dedicados à procura por uma teoria que definisse o que era, de fato, as Relações Internacionais. Contudo, atualmente, a mesma pode contar com diversas teorias diferentes, que possuem pontos de vistas únicos em si, diversificando os níveis de análise e atores prioritários. Com base nisso, esse artigo buscará utilizar-se de duas teorias: Realismo e Liberalismo. Justifica-se o uso das mesmas por serem as principais no campo de estudo das relações internacionais e, também, por defenderem situações opostas, que acabou gerando o grande debate teórico da disciplina.

2.1 Realismo

O realismo é considerado como uma teoria clássica, tradicional e predominante nas Relações Internacionais (PECEQUILO, 2004, p.116). Seu uso explica-se porque a mesma aborda conceitos importantes para a compreensão do sistema internacional, como o equilíbrio de poder, a anarquia, sobrevivência, segurança, busca por poder e a natureza egoísta e má do ser humano. A corrente teórica defende uma visão pessimista dos seres humanos, onde suas atitudes são regidas pela busca incansável por poder e por sua segurança. Segundo Jackson e Sorensen (2007) os realistas acreditam que todas as relações entre países são conflituosas e, em certas vezes, resolvidas por meio da guerra (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 102).

A teoria defende que o Estado é o principal ator nas relações internacionais e que os acontecimentos no âmbito interno de qualquer país não é importante e nem influente no âmbito externo. Além disso, os Estados são entes racionalistas, que calculam custos e benefícios de todas suas ações, procurando sempre aumentar os ganhos em termos de poder, não hesitando em usar meios de forças se for preciso. Além de poderio, os Estados buscam sua sobrevivência visto que o sistema internacional é anárquico, ou seja, não há um governo mundial e qualquer outro Estado pode ser uma ameaça à sua segurança (SAFARTI, 2005, p. 72).

A escolha dessa teoria para o presente artigo justifica-se por abordar de forma coerente o balanceamento de poder, onde países se aliam uns aos outros com o intuito de diminuir o poder de um Estado mais poderoso ou de um inimigo (PECEQUILO, 2004, p. 116). É possível analisar essa manobra com a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), onde Estados Unidos e alguns países europeus se uniram, em 1949, para balancear o poder da União Soviética. Além disso, o viés realista dá pouquíssimo crédito às organizações internacionais como as Nações Unidas, que buscam a cooperação para a paz. Segundo Mearsheimer (2007) existe a possibilidade de cooperação ocasionalmente, mas no fundo seus (dos Estados) interesses estão sempre em conflito (MEARSHEIMER, 2007, p. 34).

2.2 Liberalismo

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, buscava-se criar novos mecanismos que tivessem o poder de impedir a eclosão de novas guerras em âmbitos mundiais. Foi com esse intuito que Woodrow Wilson elaborou, em 1918, Quatorze Pontos para assegurar a paz mundial. Considerado como internacionalista liberal, alguns dos quatorze pontos defendiam a liberalização das águas para o comércio, o fim de pactos diplomáticos secretos, remoção de todas as barreiras econômicas comerciais, garantia da livre passagem pelos estreitos de Bósforo e Dardanelos, independência de um Estado polaco com acesso ao mar, redução das armas ao mínimo possível e criação da Liga das Nações, entre outros (GRIFFITHS, 2011, p. 148).

A teoria liberal foi e ainda é chamada de utópica e idealista por apresentar a convicção de que o mundo pode se tornar seguro e pacífico de modo a atingir a prosperidade internacional (MEARSHEIMER, 2007, p. 31). Ademais, os liberais possuem uma visão positiva do ser humano e o progresso pode ser alcançado, visto que as relações internacionais tem o potencial de ser cooperativas ao invés de conflitivas (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 151).

Há três premissas básicas do liberalismo idealista: a democracia; a segurança coletiva e; a autodeterminação dos povos. Assim como o realismo, os liberais adotam uma visão estadocêntrica, no entanto, o que acontece em âmbito interno em um país, tem consequências diretas no comportamento externo do Estado. Ou seja, se um país adota o sistema democrático isso significa que não entrará em guerras com outras democracias, essa situação é chamada de paz democrática (MEARSHEIMER, 2007, p. 32). A segurança coletiva visa a cooperação entre Estados tornando-os parceiros por meio de instituições internacionais, como a Liga das Nações ou as Nações Unidas. E, por fim, mas não menos importante, a autodeterminação dos povos diz respeito ao direito de soberania e auto governança de populações que possuem alguma identidade em comum, como a etnia, tradições ou, até mesmo, o idioma.

Segundo os liberais, o homem nasce naturalmente bom e, se for corrigido por leis, permanecerá com essa essência (PECEQUILO, 2004, p. 139), de forma que esses princípios naturais podem ser aplicados ao cenário internacional. Ou seja, embora haja interesses conflitivos entre pessoas e, conseqüentemente, Estados, também há interesses comuns possibilitando o desenvolvimento de cooperação, significando que há como

reduzir as chances do desencadeamento de alguma guerra (JACKSON; SORENSEN, 2007, p. 153).

2.3 O Primeiro Debate Teórico das Relações Internacionais

O debate teórico nas Relações Internacionais teve seu início na década de 1930. Uma das divergências entre realismo e liberalismo é sobre a natureza humana, enquanto a primeira diz que é essencialmente egoísta e ruim, a segunda diz que é boa e cooperativa. Ambas adotam uma visão estadocêntrica, no entanto o papel das instituições internacionais tem papel relevante no sistema internacional para os liberais, além de que as situações internas do país também influenciam o papel externo do mesmo. O Direito Internacional, por sua vez, pode criar mecanismos para desenvolver um mundo cooperativo. Os realistas, como já analisado, acreditam que as instituições não tem poder sob os Estados e o Direito Internacional só funciona quando não colide com interesses egoístas de cada Estado, pois o sistema é anárquico e não há como obrigar nenhum país de cumprir o que se é pedido por meio da lei internacional (GONÇALVES, 2002, p. 17). Além disso, o que acontece internamente de um país não tem nenhuma relevância ou influência na sua política externa.

Como já declarado, o intuito dessa pesquisa é analisar esse debate e discrepâncias entre liberais e realistas trazendo à tona alguns aspectos da política externa de Barack Obama, tentando escolher entre as duas qual a melhor se adapta às manobras adotadas pelo presidente. Para o início do debate é válido citar que Mearsheimer (2007) abordou em seu livro *A Tragédia da Política das Grandes Potências*, que os estadunidenses tem uma certa aversão ao realismo, pois o mesmo entra em choque com os valores que o país prega (MEARSHEIMER, 2007, p. 38). No entanto, como será visto a seguir, não é possível dizer que Obama atuou seguindo apenas a teoria liberal.

3 LIBERALISMO APLICADO À POLÍTICA EXTERNA DE BARACK OBAMA

A política externa norte-americana segue a essência do liberalismo e dos quatorze pontos de Woodrow Wilson. Uma vez que, segundo Mearsheimer (2007, p. 38) “o realismo é contrário ao enraizado sentimento de otimismo e moralismo que

impregna grande parte da sociedade americana. O liberalismo, pelo contrário, ajusta-se na perfeição a esses valores”. Com base nisso, o presidente Barack Obama discursou ao receber o Prêmio Nobel da Paz, no dia 10 de dezembro de 2009. Em sua fala, mostrou-se a favor da autodeterminação dos povos, da democracia, da liberdade e do poder da lei.

(...) Os ideais de liberdade, autodeterminação, igualdade e do Estado de Direito conquistaram avanços, ainda que hesitantes. Somos os herdeiros da firmeza e da visão de gerações passadas, e esse é um legado do qual meu país merecidamente se orgulha. (...) Os Estados Unidos jamais travaram uma guerra contra uma democracia, e nossos aliados mais estreitos são governos que protegem os direitos de seus cidadãos. (...) Acordos entre nações. Instituições fortes. Apoio aos direitos humanos. Investimentos no desenvolvimento. Todos esses são ingredientes vitais para produzir aquela evolução da qual falou o presidente Kennedy. (OBAMA, 2009.¹)

Pode-se dizer que na prática o presidente Barack Obama também atuou seguindo as linhas de pensamento liberais, principalmente no que tange ao segundo ponto de Woodrow Wilson: liberdade das águas além das territoriais (GRIFFITHS, 2011, p. 148). Em um memorando presidencial de 14 de outubro de 2016, o presidente afirmou ter autorizado o ataque com mísseis em instalações de radar em território controlado pelos rebeldes houthis, no Iêmen. No mesmo memorando, ele afirma “esses limitados e proporcionais ataques foram conduzidos para proteger nosso pessoal e nossos navios e irão preservar nossa liberdade de navegação nessa importante passagem marítima.”²

Assim como Woodrow Wilson, o presidente Obama é democrata. O partido tem como ideologia o liberalismo americano e pode-se dizer que, publicamente, o 44º presidente seguiu de acordo com os ideais democratas. Estes seguem linhas menos restritivas em questões como o aborto, a imigração ou casamento entre pessoas de mesmo sexo. Os democratas, diferentemente dos republicanos, defendem a restrição ao controle de armas e a criação de um sistema nacional de saúde. Obama defendeu essas

¹ THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Tradução por: Paulo Migliacci. Acesso em 01 mai. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-presidentacceptance-nobel-peace-prize>>

² THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/10/14/letter-president-war-powers-resolution>>

situações quando em seu governo foi reconhecida como legal pela Suprema Corte dos Estados Unidos a união entre pessoas de mesmo sexo³, com a criação do programa Obamacare, que tinha como objetivo ajudar cidadãos de baixa renda a terem acesso ao plano de saúde⁴, com o restabelecimento das relações diplomáticas com Cuba⁵ e com a negociação de um acordo nuclear com o Irã⁶.

Ao tomar a posse, o então presidente Obama não alterou a política imperial estadunidense e continuou a agenda de seu antecessor. Segundo Anderson (2015, p. 270) “o internacionalismo liberal é o idioma obrigatório do poder imperial norteamericano” e pode “se declarar como tal e alcançar, com regularidade, expressão virtualmente pura”. Dessa forma, Robert Kagan, historiador, afirma que

Obama se colocou em meio a uma grande tradição de presidentes norte-americanos que compreenderam o papel especial dos Estados Unidos no mundo. Ele rejeitou completamente a chamada abordagem realista, exaltou o excepcionalismo norte-americano, falou de valores universais e insistiu que o poder dos EUA deveria ser utilizado, quando fosse o caso, em nome desses valores. (ANDERSON, 2015, p. 171.)

Além disso, Mearsheimer (2007, p. 38) defende que os líderes mundiais adotam o liberalismo porque podem aplicar nele a retratação da guerra como uma cruzada moral ou uma competição ideológica, e não como uma política de poder como o que realismo prega. Essa afirmação faz alusão ao discurso proferido por Obama ao receber as tropas que estavam combatendo no Iraque. O presidente garantiu que os Estados Unidos estavam “deixando para trás um Iraque soberano, estável e confiante. Ao contrário dos antigos impérios, não nos [os Estados Unidos] sacrificamos por território e por recursos”⁷. Com essa fala e outras proferidas em seus oito anos de governo, Barack reforçou ao público os ideais liberais e democratas, defendendo a expansão da

³ CARTA CAPITAL. Suprema Corte dos EUA reconhece legalidade do casamento gay. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/suprema-corte-dos-eua-reconhece-legalidade-do-casamento-gay-2484.html>>

⁴ EL PAÍS. As cinco promessas cumpridas por Obama e as seis não cumpridas. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/10/internacional/1484075991_602513.html>

⁵ REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Itamaraty – Ministério das Relações Exteriores. Acesso em 08 mai. 17. Disponível em <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/10393-restabelecimento-de-relacoes-diplomaticas>>

⁶ EL PAÍS. Irã cumpre pacto nuclear e EUA anulam sanções. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/16/internacional/1452976569_833421.html>

⁷ STONE; KUZNICK, 2015, p. 344

democracia e os valores da liberdade. No entanto, como será visto a seguir, na prática suas atitudes contrapõem as ideias liberais e dão respaldo à teoria realista.

4 REALISMO APLICADO À POLÍTICA EXTERNA DE BARACK OBAMA

Durante a campanha à presidência, Obama se opôs frequentemente às detenções secretas e as técnicas de interrogatório usadas na Era Bush, além disso prometeu fechar a prisão de Guantánamo e proibir os métodos coercitivos usados pela CIA em interrogatórios (MAZZETTI, 2016, p. 228). No que tange à política externa, Obama atacou o candidato republicano ligando-o a guerra do Iraque, aos segredos da administração anterior e a ausência de prestação de contas. Além disso, prometeu por fim a evisceração das liberdades civis estadunidenses, e travar uma guerra mais inteligente e focada contra a Al-Qaeda (SCAHILL, 2015, p. 327).

Você sabe, todos nós acreditamos que temos de rastrear e capturar ou matar terroristas que ameaçam os Estados Unidos, mas temos de entender que a tortura não vai nos proporcionar informações, e vai criar mais inimigos. Por isso, como estratégia para criar um país mais seguro e protegido, acho isso errado, além de imoral. [...] Acho que esse governo, basicamente, julgava aceitável qualquer tática, desde que pudesse dar-lhe uma interpretação que fosse conveniente e mantê-la longe dos olhos do público. [...] Temos sido governados pelo medo nesses últimos seis anos e esse presidente utilizou o medo do terrorismo para lançar uma guerra que jamais devia ter sido autorizada. (OBAMA, 2007 apud SCAHILL, 2014, p. 327-8)

De acordo com Anderson (2015, p. 119) a posse democrata da Casa Branca, alterou pouquíssimo a política imperial norte-americana adotado pelo antecessor de Obama. As nomeações feitas pelo então presidente arrancou elogios de republicanos conservadores, uma vez que foram mantidos nomes chaves do governo Bush na luta contra o terror, como Robert Gates, John Brennan, Stanley McChrystal, David Petraeus, além de terem sido incluídos à administração, democratas “linha dura”, como Hillary Clinton e Joe Biden (SCAHILL, 2014, p. 328).

Antes de entrar no Senado, Obama havia se oposto à guerra do Iraque; no Senado, votou pela utilização de 360 bilhões de dólares nela.

Durante a campanha para a presidência, ele criticou a guerra em nome de outra. O poder de fogo norte-americano deveria estar concentrado não no Iraque, mas no Afeganistão. Um ano após assumir o cargo, tropas norte-americanas haviam dobrado para 100 mil soldados e as operações das Forças Especiais haviam aumentado seis vezes, em uma tentativa de repetir o sucesso militar ocorrido no Iraque, onde Obama teve apenas de manter a agenda de seu antecessor para uma posterior retirada. No entanto, o Afeganistão não era o Iraque, e nenhum desses louros estava ao alcance dos EUA. (ANDERSON, 2015, p. 119)

No entanto, as promessas declaradas pelo presidente durante a campanha eleitoral acabaram se tornando apenas frases vazias, uma vez que mesmo tendo decretado o fim das prisões secretas, a administração Obama continuou e aprimorou o sistema carcerário adotado por Bush. Como exemplo havia, na Somália, uma prisão secreta subterrânea na qual não era dirigida por agentes estadunidenses, mas dava aos mesmos acesso livre a interrogar, coercitivamente ou não, os prisioneiros (SCAHILL, 2014, p. 391). Guantánamo, por sua vez, continuou em funcionamento, os torturadores não foram punidos, a tortura era desmentida oficialmente e encoberta, e alguns serviços de inteligência e torturas foram terceirizados. Segundo Anderson (2015) em dois anos de governo, Obama havia criado 63 novas agências de combate ao terrorismo e “o lema da campanha de assassinatos do governo tem sido, nas palavras de um de seus mais altos funcionários, ‘precisão, economia e negação’” (ANDERSON, 2015, p. 120-1).

Os ataques a drones se tornaram a arma favorita do presidente, usada para atacar militantes em países soberanos. Muitas vezes, os bombardeiros com drones erravam e matavam muito mais civis, entre eles mulheres e crianças, do que soldados inimigos. Segundo Anderson (2015) “Obama ordenou um ataque desse tipo a cada quatro dias – mais de dez vezes o número praticado sob Bush” (ANDERSON, 2015, p. 120). E de acordo com Scahill (2014) “[Obama] autorizara, em dez meses, o mesmo número de ataques com drones que Bush autorizara em seus oito anos de governo” (SCAHILL, 2014, p. 335). Os dois primeiros bombardeiros utilizando drones e autorizados pessoalmente pelo presidente foram no Paquistão. O alvo eram militantes da Al Qaeda e do Talibã, no entanto foi registrado a morte de sete a quinze pessoas na primeira ofensiva, sendo que quase todas eram civis. Estima-se que no segundo ataque cinco a oito pessoas foram mortas, visto que o drone atacou a casa errada. Ambos ataques

incluem a morte de crianças e mulheres e, de apenas, cinco militantes (SCAHILL, 2014, p. 332).

Expor concepções de política durante a campanha eleitoral era fácil, mas confrontar as forças de elite, as mais secretas da máquina de segurança nacional dos Estados Unidos, era outra coisa. Quanto mais o presidente se envolveu com o dia a dia do programa de assassinatos dirigidos, mais esse programa cresceu. No fim de seu primeiro ano de governo, Obama e sua nova equipe de contraterrorismo começariam a construir a infraestrutura de um programa americano formal de assassinatos. (SCAHILL, 2014, p. 337)

Nos últimos meses do governo Bush, a CIA (Agência Central de Inteligência) desenvolvera um novo método para o assassinato de terroristas, no qual consistia em atacar pessoas com bases em comportamentos. Os então chamados ataques por indícios não foram rejeitados pelo presidente Obama, na realidade foram usados em seus oito anos de governo. Segundo Scahill (2014)

Homens em idade militar que faziam parte de um grande agrupamento de pessoas em determinada região, ou que tinham contatos com outros suspeitos de militância ou com terroristas, podiam ser considerados alvos para ataques de drone. Para a realização de um ataque não era necessário uma identificação positiva. (SCAHILL, 2014, p. 332)

Ainda durante a campanha eleitoral, Obama advertiu sobre as consequências que a política contra o terror adotada por Bush poderia causar às liberdades civis (SCAHILL, 2014, p. 328). O presidente se opunha a ideia de que os cidadãos americanos estavam sendo vigiados pela NSA (*National Security Agency* – Agência de Segurança Nacional). Segundo Greenwald (2014) durante a campanha, Obama prometeu ter uma administração transparente sem antecedentes, se comprometendo a proteger delatores, que eram “nobres” e “corajosos” por isso. No entanto, em seu governo foram processados mais delatores do que “todos os outros governos da história dos Estados Unidos juntos” (GREENWALD, 2014, p. 59).

De acordo com Stone e Kuznick (2015) Obama se tornou um “gestor eficaz do estado de segurança nacional” invocando diversas vezes, assim como Bush fizera, o “privilegio dos segredos de estado em processos judiciais envolvendo tortura, captura fora do normal e escuta ilegal da NSA”, o presidente, diferentemente do que havia

prometido em campanha, “aperfeiçoou as investigações da Era Bush e começou a processar informantes do governo e jornalistas, usando a Lei da espionagem”.

Ainda de acordo com Stone e Kuznick (2015), foram instaurados três casos em 92 anos, mas com Obama foram sete processos (STONE; KUZNICK, 2015, p. 339). A justificativa para o ato de espionar cidadãos, estadunidenses ou não, era simples: evitar novos ataques terroristas e garantir a segurança do país (GREENWALD, 2014, p. 214). Essa manobra pode ser automaticamente associada à ótica realista, que acredita ser possível passar por cima da lei, da moralidade e da liberdade individual para garantir a segurança de um bem maior, ou seja, o Estado. Segundo Anderson (2015)

Obama herdou esse sistema de poder e de violência arbitrários e, como a maioria de seus antecessores, o expandiu (...) Guerras que nem sequer são consideradas hostilidades, agressões eletrônicas por meio de vírus enviados de longa distância, assassinato de cidadãos norte-americanos acompanhado do assassinato de estrangeiros, vigilância por atacado das comunicações nacionais juntamente com a de países estrangeiros. (...) Os predadores são mais precisos do que os rifles automáticos e o Pentágono sempre pode expressar um lamento ocasional. A lógica do império, não a unção do governante, determina o padrão moral. (ANDERSON, 2015, p. 132)

No que tange à economia, o presidente mostrou-se a favor de acordos de livre comércio, como o Trans-Pacific Partnership (TPP na sigla em inglês, em português: Acordo de Associação Transpacífico). Acordos deste tipo são deveras defendidos pelos liberais, já que é um mecanismo de gerar cooperação ao invés de conflitos. No entanto, o realismo acredita que o Estado utiliza-se de acordos de livre comércio para assegurar vantagens para si mesmo frente aos outros Estados. Com base nisso, a aprovação e defesa do TPP por Obama pode ser caracterizada dentro do realismo, visto que o presidente afirmou que “com o TPP, nós estaremos escrevendo as regras da economia global”, a “América estará liderando o século XXI” e, além disso, países como Japão e Malásia não adotariam tarifas em produtos importados estadunidenses, facilitando dessa

forma a criação de empregos em âmbito interno do país e dando vantagens aos produtos e trabalhadores norte-americanos⁸.

Nós alcançamos um novo acordo de comércio que promove os valores americanos e protege os trabalhadores americanos. (...) Taxas e outras barreiras colocam nossos trabalhadores em desvantagem. Fazendo com que seja mais caro fazer bens aqui e vendê-los lá. Bom, TPP vai mudar isso. (...) Quando as regras são justas, americanos podem competir com qualquer pessoa no mundo. (...) Sem esse acordo, competidores que não compartilham nossos valores, como a China, escreverão as regras da economia global. (OBAMA, 2015⁹)

4.1 Equilíbrio de Poder aplicado à Política Externa de Obama

De acordo com Pecequilo (2012) o equilíbrio de poder ocorre porque “o sistema internacional não possui qualquer princípio organizador ou entidade superior aos Estados” (PECEQUILO, 2012, p. 122). É a ação que ocorre quando Estados sentem-se ameaçados pelo poder de algum outro Estado, dessa forma os inseguros buscam unir-se entre eles para contrabalancear o poder do ameaçador. Segundo Safarti (2005) havendo um equilíbrio de poder, é possível manter a paz “pois nenhuma potência se sentirá em condições de derrubar a outra, mas por outro lado, um desequilíbrio poderá resultar na eclosão de conflitos” (SAFARTI, 2005, p. 66).

Pecequilo (2012) afirma que os Estados buscam o equilíbrio de poder para “prevenir o surgimento de um poder único que subjuguie os demais, para garantir sua independência e sobrevivência” (PECEQUILO, 2012, p. 123). Portanto, pode-se dizer que na presença de um inimigo em comum, os Estados tendem a unir-se para contrapôlo e, se for o caso, eliminá-lo. Da mesma forma que o equilíbrio de poder esteve presente na Guerra do Peloponeso, onde aliados juntaram-se à Esparta para balancear o poder de Atenas, o mesmo ocorreu e foi arquitetado pelo presidente Obama contra o terrorismo.

O executor em chefe declarou, em setembro de 2014, estar liderando o mundo em uma luta contra o grupo terrorista Estado Islâmico na Síria, deixando claro “que a

⁸ THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2015/10/10/weeklyaddress-writing-rules-global-economy>>

⁹ Idem

América irá agir como parte de uma coalizão internacional”, além de estarem se juntando “nesta ação com amigos e parceiros, incluindo nações árabes”. Ainda na mesma fala, o presidente afirma estar liderando a luta contra a ameaça do Ebola na África Ocidental, além de liderar o esforço de reunir e reagrupar o mundo contra a agressão russa na Ucrânia e de buscar aliados e parceiros para confrontar e amenizar a ameaça das mudanças climáticas. Segundo Obama (2014) “as pessoas no mundo olham para nós para liderar e nós recebemos essa responsabilidade como bem-vinda”¹⁰ e a coalização “não é a América contra o Estado Islâmico. Isso é as pessoas daquela região contra o Estado Islâmico. É o mundo contra o Estado Islâmico.”¹¹

4.2 Guerra Global contra o Terror: breve análise de casos no Iêmen, Paquistão e Afeganistão

De acordo com Conde (2015) o governo Bush buscou criar uma coalizão contra o terror, procurando receber o apoio não só da comunidade internacional, mas da China e da Rússia também, países importantes por terem poder de veto no Conselho de Segurança da ONU. A medida acabou gerando uma série de políticas corruptivas, de ameaças e chantagens a fim de conseguir acesso à inteligência de países soberanos, bem como seus espaços territoriais, aéreos e navais (CONDE, 2015, p. 70). Ao tomar posse da presidência, Obama rebatizou a guerra global de Bush para “guerra contra a Al Qaeda e seus aliados”. No entanto a mudança de nome não foi suficiente para serem rejeitadas as política corruptivas, de ameaças e chantagens adotadas pela administração anterior.

Além de defender, em seu discurso ao receber o Prêmio Nobel da Paz, a autodeterminação dos povos, a lei internacional, as instituições internacionais entre outros, Barack Obama também se posicionou à favor da prática realista, estando no mesmo discurso defendendo e argumentando em prol das duas teorias. O presidente afirmou que

¹⁰ THE WHITE HOUSE, President Barack Obama. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/27/weeklyaddress-america-leading-world>>

¹¹ THE WHITE HOUSE, President Barack Obama. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/20/weekly-address-world-united-fight-against-isil>>

Encaro o mundo tal qual é, e não poderia me manter ocioso diante de ameaças ao povo norte-americano. Porque eis uma verdade: o mal persiste no mundo. Um movimento não violento não teria sido capaz de deter os exércitos de Hitler. Negociações não são capazes de convencer os líderes da Al Qaeda a baixar as armas. Dizer que a força é ocasionalmente necessária não representa um apelo ao cinismo, mas um reconhecimento da História, das imperfeições do homem e dos limites da razão. (OBAMA, 2009¹²)

Dentro da teoria realista, há uma vertente chamada realismo defensivo que afirma, segundo Mearsheimer (2007), que as potências são naturalmente agressivas por estarem se preocupando com sua segurança e sobrevivência, além de argumentar que “a anarquia força, em particular, os estados que buscam a segurança a competirem entre si pelo poder, uma vez que este é o melhor meio de sobrevivência” (MEARSHEIMER, 2007, p. 35). Com base nisso, em setembro de 2014, Obama justificou sua intervenção na guerra da Síria porque os líderes terroristas “tem ameaçado a América e nossos Aliados. E se não levarmos a sério, eles podem representar uma crescente ameaça aos Estados Unidos”.¹³ Basicamente, o presidente interviu na Guerra da Síria devido às ameaças feitas pelos líderes terroristas ao país norte-americano.

4.2.1 Iêmen

Embora o Iêmen não tenha sido, desde o 11 de setembro, prioridade para o governo dos Estados Unidos, Bush financiava, através da CIA, o presidente iemenita Saleh afim de garantir esforços para evitar que grupos terroristas assolassem o país marcado por pobreza e corrupção. No entanto, o dinheiro investido foi usado a bel prazer de Saleh em sua luta contra rebeldes houthis. A prioridade do presidente, segundo afirma Scahill (2014, p. 502) “não era reprimir a AQPA, mas derrotar as rebeliões internas dos houthis e dos secessionistas do sul”. Em 2009, quatro homens, dois deles ex-prisioneiros de Guantánamo, apareceram em um vídeo anunciando a criação de uma filial da AQPA (Al Qaeda da Península Arábica) no Iêmen. Os ex-prisioneiros alegavam que o tempo que passaram na prisão secreta fez com que a

¹² THE WHITE HOUSE, President Barack Obama. Tradução por: Paulo Migliacci. Grifo nosso. Acesso em 01 mai. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-acceptance-nobel-peace-prize>>

¹³ THE WHITE HOUSE. President Barack Obama. Tradução por: Gabriela Stefani. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2014/09/20/weekly-address-world-united-fight-against-isil>>

dedicação à jihad e a Alá aumentassem (SCAHILL, 2014, p. 339). Para continuar a receber a ajuda americana, Saleh precisava provar aos Estados Unidos que estava, de fato, lutando contra grupos terroristas. Dessa forma, o presidente iemenita permitia o uso ilimitado de drones estadunidenses alegando para a imprensa que os ataques eram feitos com as Forças Armadas do Iêmen (SCAHILL, 2014, p. 502).

Mesmo servindo os interesses estadunidenses, Saleh foi deixado a própria sorte com a eclosão da Primavera Árabe e as reivindicações por sua deposição da presidência. De acordo com Scahill (2014) “o governo Obama achou que naquela etapa teria muito pouco a ganhar com uma aliança” de forma que decidiu retirar a maior parte de seus efetivos militares do país. A crise que assolava o Iêmen não era importante para o presidente estadunidense, que alegou “não estamos no Iêmen para nos meter em conflitos domésticos” (OBAMA apud SCAHILL, 2014, p. 599). Segundo o mesmo autor (2014, p. 600) “os Estados Unidos intensificaram o uso de seu poderio aéreo e de drones, atacando o Iêmen a seu bel-prazer para pôr em marcha sua campanha contra a AQPA”.

No entanto, essa manobra irritara as tribos iemenitas. Os três anos de ataques desmotivaram os líderes tribais que poderiam de alguma forma combater a AQPA, visto que a maioria dos bombardeiros matavam animais de criação e civis, além de destruir diversas casas. Scahill (2014) afirma que os Estados Unidos conseguiram fazer com que as tribos simpatizassem com a Al Qaeda, uma vez que a mesma se propunha a garantir segurança e punir ladrões e saqueadores, ao contrário do governo (SCAHILL, 2014, p. 600-1).

4.2.2 Paquistão

Mesmo defendendo piamente o direito internacional, Obama esteve pessoalmente autorizando medidas que violavam as leis internacionais. Anderson (2015) afirma que o presidente esteve intimamente envolvido em cada passo dado para violar a soberania de países e atacar a infraestrutura de nações estrangeiras (ANDERSON, 2015, p. 124). O executor em chefe se preparava para declarar guerra ao Paquistão, caso este resistisse à invasão de seu território na operação de captura de Osama Bin Laden (ANDERSON, 2015, p. 120).

O Paquistão, no âmbito da guerra global ao terror, representava para a administração Obama a raiz da Al Qaeda, (SCAHILL, 2014, p. 340) dessa forma o presidente começou a atacar o país praticamente toda semana. O governo paquistanês era avisado sobre os bombardeiros quando os mesmos já estavam em curso ou minutos depois de serem realizados. Espiões disfarçados de adidos ou diplomatas estavam presentes no país tendo a função básica de passar informações para as unidades de contraterrorismo estadunidenses, de modo a concluir os ataques a drones com maior precisão (SCAHILL, 2014, p. 333-4).

A espionagem no Paquistão foi comprovada com o caso de Raymond Davis. Segundo o governo Obama e o próprio Davis, ele trabalhava no consulado estadunidense em Lahore, Paquistão. Mais tarde, autoridades paquistanesas descobririam armas, munições, esconderijo de suprimentos, equipamentos de visão noturna, múltiplas identidades, entre outros artefatos. Ficou claro que Davis não era funcionário do consulado e nem mesmo diplomata, na verdade ele era um espião atuando em nome dos Estados Unidos (SCAHILL, 2014, p. 525-6).

4.2.3 Massacre no Afeganistão

Embora haja uma quantidade enorme de referências a respeito do papel do Afeganistão na guerra global contra o terror, este artigo propõe-se a citar apenas um massacre ocorrido no país em nome da guerra e autorizado por Barack Obama. Em fevereiro de 2010, o chefe da Inteligência de uma província no Afeganistão comemorava o nascimento de seu filho. Mohammed Daoud Sharabuddin estava ao lado dos Estados Unidos, ajudando o governo a capturar terroristas do Talibã e da Al Qaeda no país. Como sua cultura prega, Daoud estava festejando a atribuição de nome ao recém-nascido. Cerca de vinte pessoas celebravam na casa de Daoud, todos com características diferentes dos Talibãs, seja na barba ou na etnia. A casa estava repleta de imagens dele ao lado de soldados estadunidenses, visto que ele passou por diversos programas de treinamento dos Estados Unidos (SCAHILL, 2014, p. 437-8).

Quando a festa estava no fim, a luz da casa havia sido cortada e os convidados notaram miras a laser no terreno externo da moradia. Primeiramente, eles pensaram que o Talibã havia chegado, no entanto eram soldados estadunidenses. Como resultado sete pessoas inocentes, que nada tinham a ver com o Talibã ou terrorismo, morreram. Entre

as sete, haviam duas grávidas e no total as mulheres deixaram dezesseis filhos. A incursão foi autorizada porque imagens de satélite mostraram uma quantidade expressiva de pessoas no mesmo lugar com luzes, o governo estadunidense supôs que eram militantes do Talibã ou da Al Qaeda reunidos. E como de costume, o governo afegão não sabia nada sobre isso (SCAHILL, 2014, p. 442-3).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi escolher entre a teoria realista e liberal qual melhor se adapta à política externa adotada pelo ex-presidente Barack Obama. Para tanto foram analisadas as premissas básicas do liberalismo, focando nas linhas de pensamento de Woodrow Wilson, e do realismo. Além de expor resumidamente os ideais democratas, partido do Obama e os discursos proferidos pelo presidente e disponibilizados pela Casa Branca. Notícias a respeito de medidas adotadas pelo executor em chefe e bibliografias a respeito da política externa de Obama foram utilizadas para dar respaldo às informações encontradas. Visto que a presente pesquisa descreveu apenas algumas, e não todas, situações que envolviam a Guerra Global contra o Terror, ressalta-se a necessidade de um estudo que se aprofunde nestas questões e em todas outras articuladas pelo Obama, tanto em âmbito interno quanto externo, para se chegar melhor a um resultado.

De acordo com Scahill (2014, p. 21) “aos olhos de muitos conservadores, o presidente Obama tem sido fraco no combate ao terrorismo. Aos olhos de muitos liberais ele travou uma guerra ‘mais inteligente’”. Publicamente, o presidente esteve de acordo com os ideias liberais, buscando a cooperação com Irã e Cuba, por exemplo, e acordos e manobras para favorecer o livre comércio. No entanto, as guerras secretas, as violações de soberania e do direito internacional e civil em nome da segurança e do poder dos Estados Unidos tendem para a ótica realista. Portanto, no geral não é possível dizer que a política externa de Obama foi coesa com apenas uma teoria.

É possível notar que o presidente esteve ao lado das teorias liberais e realista no mesmo discurso. No entanto, Obama adotou uma visão agressiva e realista em sua luta contra o terror, percebe-se essa característica no que condiz a frase “negociações não são capazes de convencer os líderes da Al Qaeda a baixar as armas”. Segundo Jackson e

Sorensen (2007, p. 103) “o núcleo normativo do realismo é a segurança nacional e a sobrevivência estatal: estes são valores que impulsionam a doutrina e política externa realistas. Afirma-se então que no que condiz à Guerra Global contra o Terror, o presidente deixou de lado os valores liberais para aplicar a prática realista.

Na versão de Kissinger, os dois legados que importam são linhas que descendem, respectivamente, de Theodore Roosevelt e Wilson: o primeiro, uma determinação realista em manter um equilíbrio de poder no mundo; o segundo, um compromisso idealista pra pôr fim aos poderes arbitrários em toda parte. Embora desacreditadas à época, as ideias de Wilson, em longo prazo, prevalecem sobre as de Roosevelt. A política externa norte-americana viria a conjugar as duas, mas a veia wilsoniana seria dominante. (ANDERSON, 2015, p. 143)

De acordo com Scahill (2014) mesmo defendendo a necessidade do equilíbrio entre segurança e liberdade, Obama deixou claro que estava escolhendo a segurança em detrimento das liberdades civis (SCAHILL, 2014, p. 610-1). Observando apenas os discursos proferidos pelo presidente, é fácil dizer que Obama seguiu apenas a ótica liberal. No mesmo discurso, antes abordado, ao receber o Prêmio Nobel da Paz, o presidente afirmou

Nos casos em que a força seja necessária, temos interesse moral e estratégico em nos apegarmos a determinadas regras de conduta. E mesmo que confrontemos um adversário malévolo que não respeita quaisquer regras, acredito que os Estados Unidos da América devam manter sua posição como baluartes de uma conduta justa em situações de guerra. É isso que nos torna diferentes daqueles a quem combatemos. Essa é uma das fontes de nossa força. Por isso proibi a tortura. Por isso ordenei o fechamento da prisão na Baía de Guantánamo. E por isso reafirmei o compromisso dos Estados Unidos para com as convenções de Genebra. Nós nos perdemos ao comprometer os ideais que combatemos para defender. E honramos esses ideais ao mantê-los não apenas quando isso é fácil, mas também quando é difícil. (OBAMA, 2009¹⁴)

¹⁴ THE WHITE HOUSE, President Barack Obama. Tradução por: Paulo Migliacci. Acesso em 01 mai. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-presidentacceptance-nobel-peace-prize>>

Como já analisado, a prisão de Guantánamo continua em operação, assim como outras prisões secretas, os Estados Unidos da América violaram o direito internacional ao invadir secretamente diversos países sem o devido consentimento dos mesmos, Obama ordenou pessoalmente ataques que ao invés de matarem militantes, mataram muito mais civis, além disso aprimorou o programa de vigilância da NSA, uma vez condenado por ele em sua campanha eleitoral, e ordenou o assassinato de um cidadão americano em território iemenita sem o devido julgamento. Algumas medidas da Era Bush haviam sido paradas, mas o programa de assassinato e captura do mesmo governo foi expandido com o presidente Obama (SCAHILL, 2014, p. 611). Portanto, pode-se dizer que dentro dos tópicos analisados dentro deste artigo, a política externa adotada pelo presidente Barack Obama foi mais realista do que liberal, contradizendo seus discursos e os ideais de seu partido, bem como de seu país como um todo.

6 REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. **A Política Externa Norte-Americana e seus Teóricos**. 1 ed. Trad.: Georges Kormikiaris. São Paulo: Boitempo, 2015.

CARTA CAPITAL. **Suprema Corte dos EUA reconhece legalidade do casamento gay**. Acesso em 8 mai. 2017. Disponível em <<https://www.cartacapital.com.br/internacional/suprema-corte-dos-eua-reconhecelegalidade-do-casamento-gay-2484.html>>

CONDE, L. C. D. Revisitando a “guerra ao terror”: terrorismo e política externa norteamericana pós-Guerra Fria. **Conjuntura Global**, v. 8, n. 1, p. 70-83. 2015.

EL PAÍS BRASIL – INTERNACIONAL. **As cinco promessas cumpridas por Obama e as seis não cumpridas**. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/10/internacional/1484075991_602513.html>

EL PAÍS BRASIL – INTERNACIONAL. **Irã cumpre acordo e EUA anulam sanções**. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/16/internacional/1452976569_833421.html>

GONÇALVES, W. **Relações Internacionais. Centro Brasileiro de Documentação e Estudos da Bacia do Prata.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2002, p. 1-38.

GREENWALD, G. **Sem Lugar Para se Esconder.** Trad.: Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

GRIFFITHS, M. **50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais.** 2 ed. Trad.: Vânia de Castro. São Paulo: Contexto, 2011.

INSIDE GOV. **US political parties.** Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <<http://us-political-parties.insidegov.com/compare/1-2/Democratic-Party-vsRepublican-Party>>

JACKSON, R.; SORENSEN, G. **Introdução às Relações Internacionais.** 1 ed. Trad.: Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MAZZETTI, M. **Guerra Secreta: a CIA, um Exército Invisível e o Combate nas Sombras.** Trad.: Flávio Gordon. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

MEARSHEIMER, J. J. **A Tragédia da Política das Grandes Potências.** 1 ed. Trad.: Tiago Araújo. Lisboa: Gradiva, 2007.

PECEQUILO, C. S. **Introdução às Relações Internacionais: temas, atores e visões.** Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

PECEQUILO, C. S. **Os Estados Unidos e o Século XXI.** 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores.** Restabelecimento das relações diplomáticas entre Cuba e Estados Unidos. Acesso em 08 mai. 2017. Disponível em <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-aimprensa/10393-restabelecimento-de-relacoes-diplomaticas>>

SARFATI, G. **Teoria das Relações Internacionais.** São Paulo: Saraiva, 2005.

SCAHILL, J. **Guerras Sujas: o mundo é um campo de batalha.** 1 ed. Trad.: Donaldson Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

STONE, O.; KUZNICK, P. **A História Não Contada dos Estados Unidos**. 1 ed. Trad.: Carlos Szlak. São Paulo: Faro Editorial, 2015.

THE WHITE HOUSE. **President Barack Obama. Remarks President Acceptance Nobel Peace Prize**. Acesso em 01 mai. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/remarks-president-acceptancenobel-peace-prize>>

THE WHITE HOUSE. **President Barack Obama. War Powers Resolution**. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/the-pressoffice/2016/10/14/letter-president-war-powers-resolution>>

THE WHITE HOUSE. **President Barack Obama. Writing rules of global economy**. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/thepress-office/2015/10/10/weekly-address-writing-rules-global-economy>>

THE WHITE HOUSE. **President Barack Obama. America is leading the World**. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/thepress-office/2014/09/27/weekly-address-america-leading-world>>

THE WHITE HOUSE. **President Barack Obama. World United to fight against ISIL**. Acesso em 22 abr. 2017. Disponível em <<https://obamawhitehouse.archives.gov/thepress-office/2014/09/20/weekly-address-world-united-fight-against-isil>>